

O RISCO DA ESCRITURA COMO ESPAÇO DA TRANSGRESSÃO SEGUNDO MAURICE BLANCHOT

Edvaldo Antonio de Melo*

Resumo: O artigo tem inspiração na literatura de Maurice Blanchot e visa dialogar com a filosofia de Emmanuel Lévinas, o sentido da alteridade na confluência filosófico-literária do “outro” – escritura da carne – que nos interpela e nos dirige a palavra. Mas pensando propriamente se há uma alteridade do texto, perguntamos: há uma *transcendência* do texto? Enquanto “obra”, de que modo este “tu” da escritura me envolve? As páginas a seguir partem, portanto, de dois atos que envolvem a criatividade do espírito humano, a saber, o ato de ler e o de escrever. Por um lado, tem-se o prazer que a “leitura” de uma obra nos proporciona, que é da ordem do fascínio; mas por outro, o desconforto – o “virar do avesso” – que a leitura gera em nós, instigando-nos também à escrita, assumindo o risco do “estranho outro” em nós, que é o da própria morte.

Palavras-chave: Literatura, Filosofia, Leitura, Escrita, Morte

Résumé: L'article s'inspire de la littérature de Maurice Blanchot et vise à faire dialoguer avec la philosophie d'Emmanuel Lévinas, le sens de l'altérité dans la confluence philosophico-littéraire de “l'autre” – écriture de la chair – qui nous interroge et oriente la parole. Mais en pensant exactement s'il y a une altérité du texte, nous demandons : y a-t-il une transcendance du texte? En tant qu'œuvre, de quelle manière ce “tu” de l'Écriture m'implique-t-il? Les pages qui suivent partent donc de deux actes qui font appel à la créativité de l'esprit humain, à savoir l'acte de lire et l'acte d'écrire. D'une part, il y a le plaisir que nous procure la “lecture” d'une oeuvre, qui est de l'ordre de la fascination; mais d'autre part, le malaise – le “retournement” – que la lecture génère en nous, nous incitant à écrire aussi, à assumer le risque de cet “étrange autre” en nous, qui est la mort elle-même.

Mots-clés: Littérature, Philosophie, Lecture, Écriture, Mort

1. A exigência da escritura

“Escrever é entregar-se ao fascínio da ausência de tempo” (BLANCHOT, 2011b, p. 21). Ao escrever adentramos no reino do fascínio. A escrita é um modo de romper com a monotonia do tempo. Foi justamente pensando nisso que almejamos escrever este texto, nascido durante a pandemia, período no qual o espaço de nossas casas, ruas, cidades e instituições pareciam não conter o espírito. E tivemos que inventar, não somente coisas

* Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma, Itália. Professor, Coordenador do Curso de Filosofia e Diretor Acadêmico da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) de Mariana, Minas Gerais (Brasil). E-mail: edvaldoantonio87@gmail.

para fazer, mas a nós mesmos. Escrever foi-se tornando uma exigência em nós, uma exigência suscitada pelo desejo de ressignificar o próprio humano. Transgressão.

Este texto tem inspiração nos temas discutidos a partir das leituras feitas no Círculo de Leitura “A terceira margem do rio” da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM), organizado por nós em 2019 nos encontros interativos com o Clube de Leitura “*Livro no Museu*”, do Museu Casa Alphonse de Guimaraens, de Mariana-MG. As leituras foram também enriquecidas com as partilhas realizadas no Grupo “Leitura em tempo de risco” surgidas no ano de 2020, contexto da pandemia Covid-19. As leituras em tempo de risco se deram através de encontros virtuais, acolhendo pessoas de outras áreas do saber e tendo como objetivo despertar para o espaço da respiração na leitura e na escritura.

Este artigo visa, portanto, assumir o “espanto” como algo intrínseco de nossa condição, a partir da questão proposta por Maurice Blanchot (1907-2003): a transgressão oriunda do ato de ler e de escrever. Perguntamos também pela questão da “morte” no autor, ou melhor, sobre o morrer. Trata-se de um estudo focado no texto “A literatura e o direito à morte [*La littérature et le droit à la mort*]” que se encontra no final da obra *A parte do fogo*, de Maurice Blanchot (2011a, p. 309-351/291-331)¹.

2. O risco da escritura

A pergunta pelo porquê de escrever se dá de modo paradoxal. Por um lado, de imediato, pode-se afirmar que o autor é a razão de ser da escrita, pois é ele que, firmando a pena, faz vir a obra; por outro, não se pode negar que é a própria obra que dá vida ao autor. Mas neste caso, tem-se aqui um nascer estranho, pois na maioria das vezes, a obra ganha estatura de “obra” com a morte de seu autor.

Escrever significa insistir no risco. Quando tomamos a palavra “risco”, de antemão, vemos o sentido de um “corte”, a possibilidade de um “evento”. Aliás, para o acontecer que

¹ Ressaltamos que a paginação que se encontra antes da barra [/] corresponde às páginas da obra em português; já a paginação que se encontra depois da barra é do original francês, conforme se pode ver nas referências finais. Além do texto “A literatura e o direito à morte”, utilizaremos também outras fontes do autor, como a obra *O espaço literário*, 2011b.

é da ordem do evento (*Ereignis*), implica o risco, mesmo que este seja indesejado. Em se tratando dos vários sentidos do termo “risco”, pode-se mencionar o risco na área da saúde, sobretudo o do contágio neste contexto de pandemia. Há também outros sentidos para o risco, no viés mais abstrato, como o escrito está para o rascunho, assim como a obra está para os traços do quanto o artista, ambos iniciam uma obra riscando. E no mundo da vida, pode-se notar que não há nada sem risco. Daí que se entende a expressão: é preciso arriscar! Há um risco que se faz texto, escritura.

Na verdade, a obra nasce quando, depois de terminada a escrita, jogamos o livro pela janela, e um outro – um terceiro – tomando-o em suas mãos, lê e constata: é uma obra. Mas antes do vir a ser da obra, há o esmero trabalho do escritor, daquele que, com o seu olhar, perscruta, atravessa, vê e exprime o “invisível” na arte de escrever. E assim perguntamos: de que modo, este exercício da escritura nos ajuda a ser no tempo e na história este pontinho que se desliza, revirando, contornando as obras da vida, sem fugir da sua condição?

Partimos da constatação de que não basta afirmar que somos seres finitos, sujeitos à morte. A questão que se coloca aqui é sobre o sentido desse “risco” que sou, de tal modo que sou insistentemente nascer e morrer de *outrem* na escritura. Em outras palavras, trata-se de investigar de que modo a literatura, com o “espaço literário” de Maurice Blanchot, abre-nos para o sentido do risco de escrever como uma experiência de transgressão da própria morte.

De fato, as questões suscitadas pela literatura, em seu caráter transgressivo, ajuda-nos a ressignificar o humano na sua (in)condição. O sentido da literatura não se prende nos conceitos, nos esquemas, mas sugere um *dizer* que atravessa as fronteiras do *ser* (da ontologia) e do *dito* (da escrita), apontando-nos para uma espécie de “ética do escrever”. Inspiramos aqui na obra de Ricardo Timm de Souza, *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Nesta referida obra, o autor afirma:

Quem escreve com vigor e pertinácia, perseverança e ansiedade, sinceridade e energia concentrada, cuidado extremo e extrema coragem, despossuindo-se no ato de se entregar, pela escrita, à imponderabilidade de um destino aberto, esse sulca pequenas mensagens de estranha esperança, que encerra então delicadamente nas garrafas que serão lançadas no mar da incerteza (SOUZA, 2018, p. 55).

A escritura é a arte de lidar com o mar da incerteza que somos. Há uma estranha esperança que nos atravessa. Por mais que eu busque a todo instante me encontrar, no ato de escrever, acabo por revelar a outra face de mim mesmo. Neste sentido, a escritura não só nos “*trans-ascende*”, mas também nos põe ainda mais na condição da finitude. É um “destino aberto”. Sendo este destino aberto, escrever é um modo de não fugir da própria morte. Interpretamos, portanto, o tema da morte ligado a este “risco” da escritura que traçamos com o nosso viver. A morte passa a ser traduzido na insistência do infinitivo “morrer”, imbuído da transgressão oriunda da leitura de Blanchot.

3. A transgressão: “*Lázaro, veni foras*”

Mas, afinal, o que acontece quando o leitor abre o livro e começa a lê-lo? Que intimidade é essa que atravessa aquele que escreve e aquele que lê a obra (BLANCHOT, 2011b, p. 13)? Que intimidade é essa que, penetrada pelo olhar deste outro, faz “rolar” a pedra do túmulo que separa o autor do leitor e faz *Lázaro* vir “para fora” – “*Lázaro, veni foras*” (BLANCHOT, 2011a, p. 335; 2011b, p. 211), ou seja, faz a escritura dizer novamente ultrapassando os limites do dito?

Ler e escrever são atos de transgressão em nós. Ler consiste em rolar as pedras e a libertar os “*lázaros*” adormecidas em nós: o *Lázaro* da poesia, da arte, da dança, da festa, da inventividade criativa, da fascinação que produz a literatura e também o *Lázaro* da frágil escritura que somos. Trata-se do espaço do viver e do morrer, do espaço da fragilidade que se constitui no discurso que tanto afirma quanto nega, que diz e também (des)diz, pois tanto pode fazer rolar as pedras, liberando-nos, quanto também pode nos aprisionar.

Neste sentido, perguntamos por este lugar da transgressão produzido em nós pela literatura. Perguntamos pelo transgredir enquanto verbo: o viver que não é simplesmente um “entre” o nascer e o morrer. Pelo contrário, o viver plural, *entretien* entre autor e obra fecundado pela leitura na arte do morrer. E assim, vamos não só abrindo o livro do autor, mas também nos abrindo para a escritura em nós, para o seu “desastre”². Como afirma

² Aliás, tal leitura se justifica quando observamos o conjunto das obras do autor, por exemplo, se tomarmos a obra de 1980, *L'écriture du désastre*, já no título entende o desarranjo que a obra provoca em nós, um verdadeiro “*des-astre*” em seu estilo literário de escrever.

também Lévinas: “viver é como um verbo transitivo em que os conteúdos da vida são complementos diretos” (LÉVINAS, 1991, p. 97).

De imediato, quando se depara com um pensador como Blanchot e também Lévinas, é como se espantasse com a escritura, pois com Blanchot aprende-se aquilo que está na origem da filosofia: a capacidade de se espantar diante do que está à nossa volta e que nos envolve por inteiro, que é o fascínio provocado em nós pela imaginação, sobretudo, as realidades que exigem uma observação atenta, pois tocam também o invisível. Ler e escrever tornam-se espaços fecundos desse espanto. Aliás, a beleza da vida está em se espantar principalmente com o outro de si que é a escritura.

Com Lévinas, diríamos, trata-se do espanto que é da ordem da alteridade do outro, em carne e osso. Em outras palavras, na linguagem levinasiana, há uma espécie de “traumatismo” que nos faz avançar na questão da possibilidade da literatura pelo viés da temática da morte, que é também alteridade. Estranhamento.

No espírito, por exemplo, de Mallarmé, pode-se dizer que a literatura emerge como obra com a morte do autor. É o texto que fala, não as justificativas do autor. Este, simplesmente ajuda Lázaro a sair do túmulo, desamarrando os lençóis mortuários. Se é um direito ou não o da morte, o que nos interessa é o sentido do morrer, aquilo que nos põe em movimento através do ato de ler e de escrever. O texto “A literatura e o direito à morte”, que é a inspiração para este nosso artigo, pretende nos instigar a partir de dois verbos no infinitivo: escrever e morrer. Não se trata, portanto, de um simples ser para a morte, mas de encarar o que sou em um movimento plural. E é o morrer que me põe constantemente em movimento.

Quando escrevemos um livro experimentamos tanto a dimensão da “*trans*-ascendência” – movimento exodal, para fora, quanto um movimento para dentro, para a interioridade que nos faz pensar no morrer. Há, por um lado, o sentimento de liberdade em relação a si, uma *sursis* de si mesmo; mas há também, uma experiência de desprezo de si, como se a nossa intimidade passasse a pertencer também os outros. Há sempre um espanto fecundo em nós que é da ordem da pluralidade. É como se para nascer eu tivesse que morrer do meu egoísmo e dar espaço ao outro. Diante desse sentimento que nasce este texto intitulado: a morte como espaço literário da transgressão a partir da obra literária de

Blanchot, sobretudo em seu texto intitulado “A literatura e o direito à morte”. Mas afinal, quem é Blanchot? Com quem ele dialoga?

4. A amizade como espaço da escritura – *entretien infini*

Em geral, quando pensamos num pensador, o que de imediato nos vem é a sua obra. Portanto, perguntamos também pela amizade que nasce da escritura, não somente de alguém, mas dos “traços” deste outro que me faz próximo, a ponto de querer lê-lo, desvendar os mistérios das letras. Vejamos quem é este, com o qual dialogamos neste texto, Maurice Blanchot.

Vale recordar que nos anos 30 Blanchot foi uma figura ativa do jornalismo de extrema-direita francesa. Já na década de 40, devido a Segunda Guerra Mundial, o autor viveu um silêncio em sua vida. Neste período, um de seus grandes amigos, Emmanuel Lévinas encontrava-se preso, capturado no campo de concentração. Na verdade, a amizade fecunda entre Lévinas e Blanchot surgiu durante o período de estudos em Estrasburgo na década de 20 e atravessou a primeira metade do século XX. Graças a esta amizade, no período do Cativo, a família de Lévinas, sua esposa Raissa e sua filha Simone, foram sustentadas economicamente pelo amigo Blanchot. E esta amizade perdurou durante toda a sua vida.

Neste contexto, aconteceu uma mudança na vida de Blanchot, interrompendo suas funções políticas e iniciando sua via literária. Em 1941, escreveu seu primeiro romance: *Thomas, l'obscur*, embora ainda que de modo discreto, o autor continuou a escrever sobre temas políticos, contexto no qual acontecia a guerra da Argélia (entre 1954 a 1962).

No que diz respeito a Lévinas, além da experiência de amizade e do sustento econômico no período do cativo, a literatura de Blanchot inspirou-o em vários pontos de seu pensamento³. A título de ilustração, pode-se citar aqui, a obra *Da existência ao existente*, de 1947, no capítulo segundo da referida obra, falando sobre a “existência sem existente”, sobre a noção de *il y a* (há) como termo anônimo e impessoal do horror da guerra, Lévinas

³ Sobre esta questão, ver a obra escrita por Lévinas: *Sur Maurice Blanchot* (1975).

menciona sua inspiração blanchotiana, e cita em nota o texto *Thomas l'obscur*, de Maurice Blanchot, ressaltando justamente que “a presença da ausência, a noite, a dissolução do sujeito na noite, o horror do ser, o retorno ao ser ao seio de todos os movimentos negativos, a realidade da irrealidade são aí admiravelmente ditos” (LÉVINAS, 1998, p. 73, nota 1).

O texto em análise por nós “La littérature et le droit a la mort”, escrito em 1948, pertence ao conjunto dos textos recolhidos sob o título *La part du feu (A Parte do Fogo)*. Na presente obra, lançada em 1949, o autor apresenta seus autores prediletos, como Kafka, Stéphane Mallarmé, René Char, Hölderlin, Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont e Valéry, dentre outros, focando temas centrais de suas obras. De Kafka, sobretudo do *Processo*, a saber, da execução do personagem Joseph K., Blanchot herda o espaço literário da morte. Além dos literatos, há também figuras de vários pensadores, como Nietzsche, Sartre, Martin Heidegger, Georges Bataille, Emmanuel Lévinas, dentre outros. Por uma escolha pessoal da pesquisa, optamos por colocar Blanchot em diálogo com o pensamento de Lévinas. Uma relação entre amigos.

Sobre esta amizade, pode-se mencionar o testemunho de Jaques Derrida, em seu livro *Adeus a Emmanuel Lévinas*, no qual descreve a amizade entre Lévinas e Blanchot do seguinte modo: “a fidelidade absoluta, a exemplar amizade de pensamento, a *amizade* entre Maurice Blanchot e Emmanuel Lévinas foi uma graça; ela permanece como uma bênção desse tempo e, por mais de uma razão, a sorte bendita por aqueles que tiveram o insigne privilégio de ser amigo de um e de outro” (DERRIDA, 2004, p. 24). Nas palavras de Derrida, pode-se notar o quanto esta amizade foi fecunda tanto para o pensamento filosófico de Lévinas quanto para a o pensamento literário de Blanchot. Nesse sentido, na interação com os dois autores, perguntamos: o que o literato busca na filosofia? E o que a literatura tem a oferecer para a filosofia?

Em princípio, pensamos numa questão de linguagem. Mas, na verdade não é somente isto. Há um “abstrato” presente nas duas artes de pensar que sugere e inspira a escritura de ambos. E dentre os temas sugeridos tanto pela literatura quanto pela filosofia, está a morte. Conforme já tivemos oportunidade de mencionar, por ocasião da escrita de nossa tese doutoral intitulada *Por uma sensibilidade além da essência*, na qual revisitamos o pensamento de Platão com os olhos de Lévinas, um dos temas que permaneceu no

horizonte de nossa pesquisa foi a morte: como o estrangeiro⁴ se faz próximo? De que modo este estranho passa a nos habitar.

Dando voz e vez a este estranho, deparamos com a beleza da leitura! Este estranho passa a fazer parte da nossa vida quando começamos a desvendar seus enigmas, e cada signo passa a ganhar carne e osso em nós. Carnalidade da escritura⁵!

5. A imaginação: colorindo o mundo

Quando aprendemos a ler, a sensação que tínhamos era como se o mundo fosse ganhando cores e o verbo, fazendo-se poesia. É assim mesmo, líamos praticamente tudo que encontrávamos pela frente. Tenho a alegria de contar, de modo narrativo, a experiência das primeiras letras.

Morávamos na roça, mãe sempre usava latas vazias (de óleo de Soja e outros produtos, bem lavadas) para colocar aquilo que se colhia, por exemplo, feijão, arroz, fubá e sobretudo para colocar a gordura e a carne quando se matava porco. Devido não ter geladeira, usava-se as latas de 18 litros para guardar e proteger os alimentos. E nós dizíamos: mãe, ainda tem carne de lata!? Era a carne preferida. E aos poucos, fui me dando conta que tudo isso se constituía numa espécie de *laboratório* de leitura e da escritura em mim.

Aprendi a ler, tentando soletrar o que estava escrito nas latas. Na maioria das vezes, fazia a seguinte observação: o que está dentro da lata não tem nada a ver com o que está escrito. De fato, a visão de mundo do campo, embora pareça limitada, é riquíssima. Há uma escritura a ser inventada a cada dia, desafiando os rótulos e sempre deixando vir à luz a criatividade.

⁴ Interpretamos aqui o “estrangeiro” como o pensamento da “di-ferença” (*différence*) a partir, por exemplo, do diálogo *O Sofista* de Platão que introduz uma categoria nova, do *outro* (τὸ ἕτερον) e que em Lévinas ganha significância radical de “de outro modo que ser” na proposta de sua ética da alteridade. Ver MELO, 2018, p. 209.

⁵ Ver nosso texto intitulado “A carnalidade da escritura: uma interlocução entre Emmanuel Lévinas e Maurice Blanchot” (MELO, 2019, p. 20-35).

Assim também acontece com os livros. De início, os autores tentam nos introduzir no assunto, com uma “introdução”, um “prefácio”, como se conseguissem perfurar a tela entreposta entre o autor e o leitor, mas na verdade, isso é uma ilusão. A imaginação daquele que depara, já com o título da obra vai além...

Ler é deixar fluir também a imaginação. Não lemos para repetir o conteúdo. A leitura é uma experiência de *trans*-ascendência. Ler é renascer para a alteridade. O livro passa a ser o rio de Heráclito em nós, rio do qual jorra a alteridade. E, graças à imaginação, a leitura avança e se constitui como carnalidade da escritura em mim. A imaginação é, por excelência, uma transgressão em nós.

6. O fascínio: a “outra mão” que escreve

Tomemos as páginas iniciais de “A literatura e o direito à morte” de Maurice Blanchot para nosso exercício transgressivo. Assim inicia Blanchot (2011a, p. 311/293): “*Podemos certamente escrever sem nos indagar por que escrevemos [On peut assurément écrire sans se demander pourquoi l’on écrit]*”. Como interpretar esta frase? A escrita é uma invenção criativa?

Seguramente, pode-se escrever sem se indagar porque se escreve. Por um lado, pode-se admitir que a escrita é fruto meramente da imaginação criativa e espontânea, por outro lado, imbuído da razão, tem-se elementos para buscar um porquê. No entanto, isso não significa dizer que a obra literária não seja séria, que não seja uma exigência em nós. Aliás, há pelo menos dois modos de se começar um livro: um é aquele da criatividade, no qual uma obra inicia e não sabemos como terminá-la; há também as obras encomendadas. Neste caso, quando a obra é encomendada, o livro tem um início e um fim já posto por aquele que me “contrata”. Parece estranho, mas há livros encomendados. São quase perfeitos, mas com pouca transgressão literária. É como se a imaginação fosse castrada.

Em se tratando da criatividade, em sua obra *O espaço literário*, Blanchot trabalha o fascínio da escrita a partir da “outra mão” que tira o lápis e do “olhar” de Orfeu. E assim, podemos afirmar que a escrita é uma invenção criativa. Aliás, se recorrermos ao mito do nascimento da escrita em Platão, em sua obra *O Fedro* (274b-278e) – um diálogo da

retórica – no qual o filósofo apresenta o sentido da oralidade⁶, deparamo-nos justamente com este fascínio que consiste no arriscar como obra do *logos*. Platão também apresenta questões ao deus inventor (Theuth): sobre a conveniência ou inconveniência da escrita, se esta traria problemas à memória. Na perspectiva de Jacques Derrida, em sua obra *A farmácia de Platão*, a escritura é entendida como *phármakon*, ou seja, na sua ambivalência, podendo significar tanto remédio como veneno, algo benéfico ou maléfico. Há um “jogo” que envolve a escritura, fazendo “um veneno passar por remédio” (DERRIDA, 2005, p. 45).

Embora não seja a nossa intenção aqui aprofundar no mito de Platão, entendemos que o mesmo jogo se encontra presente no texto de Blanchot, conforme nos sugere o “espaço” literário. Que espaço é este da escritura? Trata-se do “espaço” entendido como lugar da inventividade humana. A escritura é da ordem do fascínio! E segundo o pensamento blanchotiano, este fascínio não é da ordem do domínio ou do poder do escritor, de sua “mão que escreve”. Assim afirma Blanchot em sua obra *O espaço literário* (2011a, p. 16): “O domínio é sempre obra da outra mão, daquela que não escreve, capaz de intervir no momento adequado, de apoderar-se do lápis e de o afastar. Portanto, o domínio consiste no poder de parar de escrever, de interromper o que se escreve, exprimindo os seus direitos e sua acuidade decisiva no instante”. Mas, afinal, pode-se escrever sem perguntar pelo porquê?

7. O desastre da escritura em nós

Pode-se escrever sem se perguntar pelo porquê da escrita? Intrigado por esta questão Blanchot nos instiga a pergunta pela origem da Palavra e da escrita. Em nosso entendimento, trata-se do que em outros lugares, o próprio Blanchot chama de “a presença e a ausência da palavra”, algo que Lévinas, em seu texto: “La transcendance des mots: à propos des biffures” também entende sob o viés do “apagamento” das palavras. Ou se poderia aqui pensar na própria morte do autor? De que modo tais questões de inspiração em Mallarmé nos ajuda a pensar o sentido da literatura blanchotiana?

⁶ Sobre esta questão ver MELO, 2018, p. 240-245.

Conforme o fragmento do texto de Blanchot citado acima, tento descrever a experiência, ou melhor a possibilidade da experiência da escrita, mas já no limite da escritura: A literatura e o direito à morte. Permitam-me aqui remeter à obra *L'écriture du désastre* (1980), traduzida para o português *A escritura do desastre*, e afirmar: como tal experiência causa um “désastre” – dé-crit – em nós! “O desastre des-creve” (BLANCHOT, 2016, p. 17).

Escrever significa deparar com o “meu” e com o nosso “limite”. Imbuído da hermenêutica clássica, aprendemos a procurar o contexto. No entanto, a sensação que se tem ao deparar com a escritura blanchotiana é que ela causa um desastre em nós, justamente por transgredir esta lei do contexto. O texto é, simplesmente, um fragmento, esperando que alguém o leia? Assim como a rosa de Angelus Silesius que floresce porque floresce, considera-se pode-se considerar o texto no seu sem porquê?

Escreve-se simplesmente pelo prazer de responder o “jogo” do desejo em nós? Ora, o leitor tem o direito de apontar o limite da escritura, mas é justamente neste “apontar” que emerge a sua alteridade, o outro de mim que me faz sair do túmulo. E novamente *Lázaro, veni foras...*

Este outro, portanto, passa a ser a razão pela qual escrevo, a saber, a minha morte. Escrevo porque o que é “do outro” também é meu. Tem-se, com Blanchot uma hermenêutica às avessas, uma leitura infinita, pois o “outro” aqui é aquele que permite que o “meu” (texto) tornar-se obra, ganhando a vida pública. Conforme Blanchot afirma no início da obra *O espaço literário*, “a obra é a intimidade de alguém que a escreve e de alguém que a lê” (BLANCHOT, 2011b, p. 13).

Quando escrevo, também me inscrevo e ex-crevo no para fora – hors-texte – conforme expressão da obra *L'écriture du désastre* (1980, p. 17). Escrever consiste em romper, riscar e quebrar o silêncio⁷ da origem. Escrever significa dar voz ao silêncio que, na sua intimidade, gera a Palavra.

A escrita que antes era identificado com o “jogo insensato de escrever” (ce jeu insensé d'écrire) de Mallarmé, conforme Blanchot inicia sua obra *L'entretien infini* (1969, p. VII),

⁷ Sobre a temática do silêncio, relacionando Mallarmé e Blanchot, ver: STROPARO, 2013, p. 191-198.

na sua exigência de escrever, aos poucos vai se configurando como o modo de ser do pensamento blanchotiano: sou escrevendo...

De fato, o escritor pode observar de modo atento a sua caneta traçando cartas e fazendo emergir o escrito. No entanto, é o leitor – um “terceiro” – que perfurando a tela da intimidade faz vir à luz a obra. Esta pode vir graças à “uma questão”. No entanto, conforme ressalta Blanchot, a questão não deve ser confundida com as dúvidas ou escrúpulos do escritor. Ao interrogar, resta sempre uma página escrita, entendida por nós como uma “reserva de sentido” que diz para além daquele que a escreveu e daquele que a lê. Mesmo que o seu autor a saiba e que o escritor tenha feito tal pergunta enquanto escrevia, o que permanece agora, ou seja, esta “reserva de sentido”, ultrapassa a ambos.

Na condição de obra, estou simplesmente aqui, aguardando a abordagem de um leitor, insiste Blanchot: “de qualquer leitor, profundo ou vão – repousa silenciosamente a mesma indagação, endereçada à linguagem, por trás do homem que escreve e lê, pela linguagem que se torna literatura” (BLANCHOT, 2011a, p. 311/293).

A obra, portanto, diz no avesso, pois não se reduz nem ao dito da página escrita, que por sua vez foi interrogada pelo escritor, e tampouco cai no mero jogo do leitor, que, ao tomar em mãos esta página, continua a perguntar pelo sentido dela. Há uma circularidade aberta que faz parte da intimidade entre aquele que escreve e aquele que a lê. A obra se dá nesse inacabamento infinito, que ultrapassa tanto o dito (escrito) quanto o silêncio ou melhor, a solidão do autor. Aqui está o risco da escritura: cair no esquecimento (morte), identificando-se com a solidão do autor. No entanto, isto não acontece graças à exigência da escritura que colocar autor e leitor em movimento.

Em outras palavras, é graças à transgressão operada pelo leitor que faz Lázaro vir para fora do túmulo. Tal situação se dá de modo paradoxal, pois, por um lado, tem-se a condição quase de um interdito da obra que antecede o leitor; mas, por outro, sob o viés da linguagem, emerge a necessidade do dizer – carnalidade da escritura – que pede a todo tempo para ultrapassá-la – transcendência. Deixe-me ser lida! E assim, a obra emerge como aquilo que fascina o leitor, e este, ao ser revirado do avesso (fascinado), acaba por romper com o silêncio do tempo, transgredindo-o, fazendo vir à luz a própria obra.

Referências

BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980; tradução portuguesa, *A escritura do desastre*. Tradução de Eclair Antônio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2016.

_____. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969; tradução portuguesa: *A conversa infinita*: A palavra plural, vol. 1. Tradução de Aurelio Guerra Nelo. São Paulo: Escuta, 2010a; *A experiência limite*, vol. 2. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007; *A ausência de livro: o neutro, o fragmentário*, vol. 3. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010b.

_____. *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955; trad. portuguesa, *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

_____. *La littérature et le droit a la mort La part du feu (1949)*. In: _____. *La part du feu*. Paris: Gallimard, 1984, p. 291-331; tradução portuguesa, *A literatura e o direito à morte*. In: _____. *O espaço literário*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a, p. 309-351.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Adieu à Emmanuel Lévinas*, Paris: Galilée, 1997; trad. portuguesa: *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. *Sur Maurice Blanchot*. Montpellier: Fata Morgana, 1975.

_____. *Totalité et infini*. Essai sur l'exteriorité. La Haye: Martinus Nijhoff, [1961], 1980; trad. portuguesa, *Totalidade e Infinito*. Ensaio sobre a Exterioridade. Tradução de José Pinto Ribeiro. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 1991.

_____. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon e Ligia M. de Castro Simon. São Paulo: Papyrus, 1998.

MELO, Edvaldo Antonio de. *Por uma sensibilidade além da essência: Lévinas interpela Platão*. Roma: G&BPress, 2018.

_____. *A carnalidade da escritura: uma interlocução entre Emmanuel Lévinas e Maurice Blanchot*. In: Rial, Gregory; Santos, Luciene dos (Orgs.). *IV Seminário Internacional Emmanuel Lévinas, Linguagem, feminino e literatura* [Recurso eletrônico on-line]. Organização: Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (CEBEL) e Escola Superior Dom Helder, CONPEDI, Belo Horizonte, 2019, p. 20-35. Disponível em: <<http://conpedi.danilolr.info/publicacoes/8p5kv98g/9445u6qj>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

PLATÃO. *O Sofista*. Trad. Henrique Muracho, Juvino Maia Jr. e José Trindade Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2009.

POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas*. Essai et entretiens. 2e éd. Arles: Actes Sud, 2006; tradução portuguesa: *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Tradução de J. Guinsburg, Marcio H. de Godoy e Thiago Blumenthal. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SOUZA, Ricardo Timm de. Escrever como ato ético, *Letras de hoje* [10 anos sem Maurice Blanchot], Porto Alegre, v. 48, n. 2, 2013, p. 223-226, abr./jun. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13850/9168>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

_____. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre, RS: Zou, 2018.

STROPARO, Sandra Mara. O caminho do silêncio: Mallarmé e Blanchot. *Letras de hoje*, [10 anos sem Maurice Blanchot], Porto Alegre, v. 48, n. 2, 2013, p. 191-198. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/12704>>. Acesso em: 18 jul. 2020.